



## Relatório da Visita

No dia 27 de outubro de 2022, o Centro PINUS e o Centro de Competências do Pinheiro-Bravo organizaram, em parceria com o [Baldio de Verdelhos](#), a [Baladi](#) e a [FlorestGal](#), a visita de campo "[Estratégias de Gestão de Pinhal](#)".

Esta visita contou com 60 participantes provenientes de 20 organizações. Já se encontrava previamente agendada com o objetivo de dar a conhecer bons exemplos de gestão em pinhal.

Com a ocorrência dos incêndios que afetaram este verão a região da Serra da Estrela, as áreas selecionadas para a visita foram parcialmente afetadas, confrontando todos os agentes do setor florestal com o sentimento de impotência de que, em situações extremas, mesmo as áreas com gestão ativa podem estar vulneráveis a incêndios de grandes dimensões.

Ainda assim, o Centro PINUS, juntamente com os parceiros, decidiu manter a visita de campo com o objetivo de dar a conhecer, também, o bom exemplo de reação após os incêndios e promover o encontro, o diálogo e a reflexão conjunta sobre o futuro daqueles territórios.

Considerado um bom exemplo de gestão comunitária, o Baldio de Verdelhos (Covilhã), com cerca de 2 200 hectares, tem no pinhal a mais importante fonte de receita e de dinamização da economia local, assegurando 10 postos de trabalho diretos e dezenas de outros indiretos.

Da parte da manhã, foi possível testemunhar o dinamismo e a ação imediata deste Baldio após o incêndio. David Martins, presidente do Conselho Diretivo do Baldio de Verdelhos, contextualizou e mostrou no local as medidas de prevenção da erosão do solo e de conservação das linhas de água em curso, tais como *mulching* com palha, sementeiras de centeio e a deposição de materiais localmente disponíveis, como a madeira ardida e sobrantes de exploração florestal, em áreas estratégicas.

A autonomia deste Baldio permitiu o início das ações de estabilização de emergência imediatamente após o incêndio e antes das primeiras chuvas, o que lhes permitiu minimizar o impacto no principal ativo daquela comunidade: o solo. A mesma autonomia, permitiu o início imediato da venda da madeira de pinho ardida, permitindo a sua valorização para serração que, regra geral, deve ser escoada até 4 meses após o incêndio.

Esta opção permitiu, ainda, minimizar a perda de receitas inerente à diminuição de peso da madeira que se vai acentuando com o tempo, após o incêndio. O Baldio de Verdelhos fez a comercialização utilizando várias estratégias em que, além das tradicionais hastas públicas com venda de madeira em pé, também contratou serviços de corte e rechega, vendendo a madeira em carregadouro ou diretamente ao consumidor final, reduzindo o número de intermediários no processo de comercialização.

O impacto positivo da iniciativa do Baldio de Verdelhos estende-se aos proprietários vizinhos do baldio que beneficiam da dinâmica existente para comercializarem madeira proveniente de pequenas parcelas que, dada a sua dimensão, dificilmente viabilizariam uma operação de exploração florestal.

Com as receitas provenientes da venda da madeira, o Baldio de Verdelhos irá reinvestir na recuperação dos ativos florestais.

Assim, parte das receitas será utilizada na condução da regeneração natural de pinhal-bravo que ocorrerá na maioria do baldio. Existem algumas áreas em que já é previsível que não ocorra essa regeneração, mas que o baldio quer rearborear de imediato, de modo a aproveitar condições favoráveis para a germinação de sementes, ausência de custos no controlo da vegetação e, começando já em 2022, o ano zero do próximo ciclo de produção.

No entanto, esta intenção de investimento encontra-se suspensa pela necessidade de reformulação do Plano de Gestão Florestal (PGF) e pelo cumprimento de outras obrigações legais, cujo prazo de conclusão é incerto.

Durante a visita, foi inevitável uma reflexão conjunta sobre o futuro daquele território. Para David Martins, a compartimentação com folhosas e áreas de pastagem e centeio era uma estratégia que o baldio já tinha dado início e que terá continuidade, mas o porta-voz do Baldio de Verdelhos não tem dúvidas, conhecendo o terreno como ninguém, que o pinheiro-bravo é a única espécie florestal bem-adaptada à maior parte da área do baldio que gere, estando convicto que a plantação de folhosas, em certos locais, não terá sucesso.

Muitos dos participantes desta visita concordaram que é importante estar atento aos “sinais da natureza”, observando a regeneração natural que surge após a perturbação. A título de exemplo, foi referido que aproveitar a regeneração natural de carvalho em subcoberto de pinhal, de modo a converter progressivamente e, em sucessão, a ocupação do solo, pode ser mais eficaz e mais barato do que realizar novas plantações.

Durante a tarde, a visita foi conduzida em Famalicão da Serra (Guarda) por António Nora, Diretor Florestal da FlorestGal, na área gerida pela empresa pública de gestão e desenvolvimento florestal.

Os participantes ficaram a conhecer as ações de gestão florestal implementadas antes dos incêndios e assistiram a algumas das medidas de gestão pós-fogo com o objetivo de recuperar a biodiversidade de povoamentos plantados nos anos 80. Estes são constituídos por pinheiros bravo, silvestre e larício, pseudotsuga, carvalhal, souto e outras espécies.

A presença do ornitólogo Luís Gordinho permitiu contextualizar a instalação de caixas-ninho no pinhal. Esta solução pretende compensar a perda de habitats e fixar algumas espécies da avifauna que contribuem para a atenuação do impacto de pragas associadas aos incêndios, de que são exemplos espécies como o chapim de crista, o chapim carvoeiro ou o chapim-azul.

Durante esta visita observaram-se, também, povoamentos de coníferas em altitudes “inacessíveis” ao pinheiro-bravo, verificando-se excelentes produções de *Pinus nigra* em quantidade e qualidade com aptidão para usos nobres pelas indústrias do tratamento e da serração, contrastando com as plantações de *Pinus silvestris* que, em situações semelhantes, tinham um crescimento muito inferior.

Esta observação gerou uma reflexão conjunta, já que o Plano de Ordenamento não permitirá a rearborização com *Pinus nigra* quando os atuais povoamentos chegarem ao corte final. Por conseguinte, poderá estar condicionada a sustentabilidade económica daquele tipo de territórios na ausência de mecanismos de remuneração de serviços do ecossistema que substituam aquelas receitas.

Esta saída de campo foi participada por um grupo diversificado e reuniu gestores de pinhal de entidades públicas e privadas, nomeadamente técnicos do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, órgãos gestores de baldios, técnicos florestais dos municípios da Covilhã e da Guarda, organizações de produtores florestais, um representante da ESAV-IPV - Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Viseu, empresas prestadoras de serviços silvícolas e de consultoria, consumidores de madeira de pinho e, também, a Associação de Amigos da Serra da Estrela e a Rewilding.

Se não teve oportunidade de participar nesta saída de campo, siga o [canal de Youtube do Centro PINUS](#) e veja [aqui](#) o vídeo com os depoimentos dos parceiros deste evento.

Iremos publicar na rubrica “PINUS TV” uma vídeo-reportagem sobre este evento com entrevistas aos participantes e representantes das entidades parceiras.

Centro PINUS, 4 de novembro de 2022